

Coroação de Reis Negros: Lugar, Cultura e Identidade

Paula Piva Linke

Resumo: A coroação de reis negros é uma celebração que ocorre do Brasil desde o século XVII até a atualidade. Tal celebração tem grande importância para as comunidades de afro-descendentes, destacando-se a comunidade da Lapa, Paraná, onde a encenação da Congada se mantém sem grandes transformações a mais de cem anos. Para compreender a encenação, e o papel dos indivíduos como mantenedores desta tradição, bem como a identidade da festa e o local de sua permanência, cabe fazer uma breve revisão teórica na qual serão apresentados brevemente os conceitos de cultura, identidade, diversidade cultural e lugar. A cultura deve ser vista como um sistema de concepções herdadas e expressadas em formas simbólicas (Chartier). A identidade, compreendida como um processo de do significado com base em um atributo cultural (Castells). A diversidade cultural como um sistema de articulação e intercâmbio de signos culturais (Bhanha) e o Lugar como uma concepção de valor (Yi Fu-Tuan). Posteriormente há uma breve apresentação do que seria a festa de coroação de Reis Negros e mais especificamente a Congada da Lapa, suas particularidades e características. A Congada da Lapa é um exemplo de diversidade cultural e do processo de manutenção da tradição através da memória da comunidade. Tal comunidade busca lembrar constantemente seu passado através das origens da própria festa e da fé em São Benedito. A Congada chegou à Lapa por volta de 1820, com o movimento dos tropeiros, que deixavam Viamão (RS) rumo a Sorocaba (SP), passando pelos Campos Gerais paranaenses, tendo como um dos principais pontos de paragem a Lapa, este lugar foi propício para o desenvolvimento e conservação da Congada, expressão da fé em São Benedito, co-padroeiro da comunidade lapeana. Sua identidade está diretamente ligada à fé em São Benedito e a encenação de um passado pertencente a uma África mítica e poderosa. Ela retrata uma tradição na qual os organizadores, os congadeiros, mantêm viva a memória de um passado repleto de lutas, mitos e lendas. Neste sentido, a diversidade cultural da festa aliada ao lugar, cidade da Lapa, PR, conferem a encenação características únicas que a diferencia de outras encenações que ocorrem ainda hoje. Assim sendo o lugar desempenha um papel importante na contextualização da tradição, pois cada lugar está atrelado a determinadas características climáticas, geográficas, econômicas, políticas e culturais que fazem parte dos elementos que constroem a identidade das tradições. Neste sentido, quando o indivíduo revive o mito ao encená-lo ele se sente parte daquela história, não somente como ator, ou membro do grupo, mas como sujeito que mantém e recria a tradição para mantê-la presente em seu cotidiano.

Palavras-chave: Congada; Celebração; Tradição.

1. Introdução

O estudo das manifestações populares permite compreender novas formas de ver e pensar a cultura, pois elas representam mais do que simplesmente uma expressão local, mas também as formas de pensar e sentir de um povo e o modo como estes elementos se modificam com o passar do tempo. Neste caso, é fundamental compreendermos os conceitos de cultura, identidade, diversidade cultural e lugar, tais conceitos auxiliam no processo de compreensão da tradição. A cultura deve ser vista como um sistema de concepções herdadas e expressadas em formas simbólicas. A identidade, compreendida como um processo de significado com base num atributo cultural. A diversidade cultural como um sistema de articulação e intercâmbio de signos culturais e o Lugar como uma concepção de valor

Tais conceitos auxiliam na compreensão da Celebração em homenagem a São Benedito, a Congada da Lapa. Tal encenação é um misto entre a cultura portuguesa, africana e a religião católica, elementos culturais distintos que se agrupam dando origem a uma festa cujas raízes vêm dos escravos do século XVII. Tal manifestação consiste em uma disputa simbólica entre dois reinos, o reino do Congo (católico) e o reino de Angola (pagão). A embaixada enviada pela rainha Ginga (Nzinga) de Angola causa tumulto no reino do Congo e após alguns embates armados o Rei do Congo perdoa o embaixador angolano que se converte à fé cristã e se torna devoto de São Benedito.

Portanto busco estabelecer uma relação entre os conceitos de cultura, identidade e lugar frente à Congada da Lapa. Assim sendo, a celebração será analisada aqui como um estudo de caso, relacionando a representação da festa e a tentativa da comunidade de resguardar sua tradição.

2. Cultura, Identidade e Lugar

Celebração em homenagem a São Benedito, a Congada da Lapa é um misto entre a cultura portuguesa, africana e a religião católica, elementos culturais distintos que se agrupam dando origem a uma festa cujas raízes vêm dos escravos do século XVII, XVIII e XIX. Tal manifestação consiste em uma disputa simbólica entre dois reinos, o reino do Congo (católico) e o reino de Angola (pagão). A embaixada enviada pela rainha Ginga (Nzinga) de Angola causa tumulto no reino do Congo e após alguns embates armados o Rei do Congo perdoa o embaixador angolano que se converte à fé cristã e se torna devoto de São Benedito.

Este é o enredo da encenação em homenagem a São Benedito, homenagem que acontece na cidade da Lapa desde os tempos do Império, a devoção e a fé no santo negro mantém viva uma manifestação popular que vêm se perdendo no tempo. Embora haja um intenso trabalho por parte da comunidade para manter a congada, é preciso que as próximas gerações aprendam seus versos, suas músicas e batuques para que ela continue a existir.

É praticamente impossível manter uma tradição absolutamente estática, pois se o indivíduo muda, os seus modos de pensar e fazer também mudam, assim como as suas formas de preservar as tradições, que acabam por ter novos elementos incorporados com o passar do tempo.

Para manter viva uma tradição é preciso fazer com que as próximas gerações se interessem por ela, a comunidade precisa querer revivê-la constantemente. Deste modo, “o

caráter repetitivo do rito implica a continuidade com o passado, e por isso a preocupação com a participação dos jovens. O rito demanda a continuidade com o passado, lembrar é fazer o passado atual” (MELO, 2006, p.147). É importante ressaltar ainda, que o rito se transforma, pois aqueles que o revivem também se modificam, o que não implica no desaparecimento do mesmo, mas em mudanças relacionadas aos seus significados.

no caso do ritual [...], a própria execução é elástica e dinâmica. Embora o texto básico de um ritual repetido possa permanecer fundamentalmente inalterado [...] a maneira exata pela qual se apresenta o cerimonial pode variar, o que por si só serve apenas para acrescentar uma nova dimensão às mudanças de “significado” (CANNADINE, 1997, p. 116).

Se certos elementos ou práticas culturais podem apresentar poucas variáveis, não significa que os indivíduos de diferentes gerações as vejam da mesma forma, visto que outros elementos culturais, sociais, políticos e econômicos mudam e podem afetar o modo de ver as tradições. Assim como as práticas culturais se alteram com o tempo, o mesmo acontece com a cultura, para tanto, é preciso compreender o conceito de cultura como algo mutável.

El concepto de cultura que sostengo [...] denota un patrón historicamente transmitido de significados expresados em símbolos, um sistema de concepciones herdadas expressadas em formas simbólicas por médio de las cuales los hombres comunican, perpetúan y desarrollan su conocimiento sobre la vida y sus actividades hacia ésta (GEERTZ apud CHARTIER, 2007, p. 51).

Deste modo, se os significados simbólicos do rito são transmitidos através das gerações estão sujeitos a interpretação do indivíduo e a cultura do mesmo. Desta forma devemos observar a cultura como um processo em desenvolvimento.

A cultura é um processo dinâmico; transformações (positivas) ocorrem, mesmo quando intencionalmente se visa congelar o tradicional para impedir a sua “deterioração”. É possível preservar os objetos, os gestos, as palavras, os movimentos, as características plásticas exteriores, mas não se consegue evitar a mudança de significado que ocorre no momento em que se altera o contexto em que os eventos culturais são produzidos (ARANTES, 1981, p. 22).

Se a cultura e seus signos se modificam com o passar do tempo, é preciso vê-la com um conjunto de elementos que se combinam e recombinaem, formam uma linguagem própria. Linguagem que não deve ser observada como um todo isolado, pois se retirarmos um objeto de seu contexto ele perde completamente o significado simbólico que possui quando está dentro de sua realidade cultural.

No intervalo da cultura, no ponto de sua articulação da identidade ou da perspectibilidade, vem à questão da significação. Esta não é apenas uma questão de linguagem, é a questão da representação da diferença pela cultura, modos, palavras, rituais, hábitos, tempo, inscrita sem um sujeito transcendente (BHABHA, 2003, p. 180).

A cultura é um produto da atividade cultural humana, então sua variação é uma forma de expressão do cotidiano que se modifica a cada dia, onde o ato individual assume um caráter coletivo, pois o contato e o relacionamento entre indivíduos é constantemente recriado. “Os eventos culturais não são “coisas” (objetos materiais), mas produtos significantes da atividade social de homens determinados, cujas condições histórias de produção, reprodução e transformação devem ser desvendadas” (ARANTES, 1981, p.51).

Se os eventos culturais são uma produção dos sujeitos, estas produções culturais podem variar de acordo com o sujeito, ou seja, o modo como ele se identifica com o mundo a sua volta, influencia diretamente o modo de se expressar.

A questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e

a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem. A demanda da identificação – isso é, ser para o outro – implica a diferenciação do sujeito na ordem diferenciadora da alteridade. A identificação é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do outro de onde ela vem (BHABHA, 2003, p. 77).

A identificação permite ao sujeito criar uma identidade, algo que o caracterize e ao mesmo tempo o diferencie do mundo a sua volta. Assim, quando este sujeito se recria, ele também altera o ambiente a sua volta, e este ambiente vai se recriando, segundo a visão de diversos indivíduos e grupos de indivíduos. “No que diz respeito aos atores sociais, entendo por identidade o processo de construção do significado com base num atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outra forma de significado” (CASTELLS, 1999, p. 03).

Neste sentido, cabe ao indivíduo ou grupo selecionar as mais variadas informações para construir uma identidade, são feitas escolhas que renegam certos valores e comportamentos e outras que valorizam determinadas atitudes ou crenças, são escolhas referentes aos mais variados aspectos da vida.

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia biológica, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparelhos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades que reorganizam o seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados na sua estrutura social, bem como na sua visão de tempo/espço (CASTELLS, 1999, p. 04).

Assim sendo, ocorre à criação de diversas identidades, de múltiplos grupos diferentes que se apropriam dos elementos culturais de diferentes formas, dando origem a novas culturas que surgem do intercâmbio e da troca de elementos culturais distintos. Este processo dá origem a expressão diversidade cultural.

A diversidade cultural é o reconhecimento de conteúdos e costumes culturais pré-dados, mantida em um enquadramento temporal relativista, ela dá origem a noções liberais de multiculturalismo, de intercâmbio cultural ou de cultura da humanidade. A diversidade cultural é também a representação de uma retórica radical de separação de culturas totalizadas que existem intocadas pela intertextualidade de seus locais históricos, protegidas na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única. A diversidade cultural pode inclusive emergir como um sistema de articulação e intercâmbio de signos culturais (BHABHA, 2003, p. 63).

A diversidade cultural não se refere somente à variedade de culturas e seus valores, bem como a forma como elas se relacionam e são capazes de trocar informações entre si. Esta troca se dá através do sujeito que, quando entra em contato com outra cultura, assimila de alguma forma alguns de seus valores. “Os significados culturais não são compreendidos através da contemplação passiva do objeto significante, mas com referência ao universo de significados próprio de cada grupo social” (ARANTES, 1981, p.32). Assim, o processo de interação é necessário para conhecer e compreender os elementos culturais de um grupo.

A cultura se modifica, mas ainda carrega consigo certos valores e tradições, e, cabe ao sujeito preservá-las resgatando através da memória e da vivência cotidiana os significados da cultura, seja ela popular ou erudita, européia ou africana, do campo ou da cidade, etc. Assim as manifestações culturais mantêm vivas tradições, valores e modos de fazer. Quando falamos em tradição, normalmente nos lembramos do termo cultura popular, como sinônimo de algo produzido e consumido pelo povo, no entanto esta definição não expressa completamente o sentido do termo popular.

Portanto, o popular não deve por nós ser apontado como um conjunto de objetos (peças de artesanato ou danças indígenas), mas sim como uma posição e uma prática. Ele não pode ser fixado como um tipo particular de produtos ou mensagens, porque o sentido de ambos é constantemente alterado pelos conflitos sociais.

Nenhum objeto tem o seu caráter popular garantido para sempre porque foi produzido pelo povo ou porque este o consome com avidez; o sentido e o valor populares vão sendo conquistados nas relações sociais. É o uso e não a origem, a posição e a capacidade de suscitar práticas ou representações populares, que confere essa identidade (CANCLINI, 1993, p.135).

Convém ressaltar que estas práticas e representações populares estão inseridas em um espaço, mais especificamente em um lugar, lugar onde se celebram as festas, onde caminham as procissões, onde se fazem orações, onde criam objetos artesanais, onde que contam histórias, lugares de vivência cotidiana. “O lugar é uma classe espacial de objeto. E uma concepção de valor, embora não seja uma coisa valiosa, que possa ser facilmente manipulada ou levada de um lado para o outro; é um objeto no qual se pode morar” (TUAN, 1983, p. 14). Em oposição ao lugar, que sugere um vínculo entre o indivíduo e o espaço, o espaço está relacionado aos diversos locais pelos quais os indivíduos transitam, mas não se apegam, não se identificam.

O espaço é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental. O espaço permanece aberto; sugere futuro e convida a ação. Do lado negativo, espaço e liberdade são uma ameaça. Um dos sentidos etnológicos do termo *bad (mau)* é aberto. Ser aberto e livre é estar exposto e vulnerável (TUAN, 1983, p. 61).

Embora o espaço seja desconhecido pelo indivíduo, à medida que a relação entre ambos muda, tal definição também se modifica. “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 1983, p. 151). Assim sendo, o espaço torna-se o lugar onde as pessoas vão conversar, se relacionar, festejar e viver suas vidas. “Para Santo Agostinho o lugar dependia da intimidade de uma relação humana particular; o lugar em si pouco oferecia além da relação humana” (TUAN, 1983, p. 156). Portanto, se o indivíduo se identifica com o lugar e transforma o espaço em lugar é devido a uma necessidade. “A maioria dos lugares não são criações deliberadas, pois são construídas para satisfazer necessidades práticas” (TUAN, 1983, p. 184).

As práticas culturais e representações acontecem em lugares específicos, em um grupo de indivíduos específico, em um contexto específico e em uma temporalidade específica. São as especificidades que tornam cada manifestação cultural única. Dentre as muitas tradições, práticas e representações culturais, para este trabalho, destaca-se a Congada da Lapa, festa de afro-brasileiros em louvor a São Benedito, a qual apresenta características específicas relacionadas a sua origem e a encenação da disputa entre os reinos do Congo e da Angola.

3. A festa de coroação de Reis negros

A festa de São Benedito, mais conhecida como Congada, é uma manifestação que conjuga fé, devoção, música e dança e tem suas origens nas cerimônias de coroação dos reis do Congo (FERNANDES, 1977).

A Congada foi denominada por Mário de Andrade (1966) como dança dramática, cuja especificidade é a realização de bailados coletivos que obedeçam a um tema característico tradicional, e que tenham o formato de obra musical constituída por meio da apresentação de coreografia seqüencialmente ordenada, também conhecida por suíte. Sua origem é relacionada por alguns autores à apropriação de autos populares ibéricos reinterpretados por irmandades ou grupos de negros bantos em diferentes lugares e épocas (CEZAR, 2008, p. 02).

Durante a existência das irmandades religiosas surgiram as Congadas, ou seja, a coroação de um Rei Congo no Brasil nas festas religiosas e populares. Nessas festas, havia uma forte presença dos elementos do catolicismo, e também da música e da dança trazidas da África. Os negros cantavam misturando a língua africana com a portuguesa. Dançavam e festejavam fora dos padrões europeus (LARA, 2002).

A existência de eleições e coroações de reis negros está presente também em outras regiões escravistas do Caribe e dos Estados Unidos. Obviamente não se tratava apenas de negros congueses, mas da apropriação de um ritual que, de certo modo, ligava os cativos à África e criava um espaço político próprio, distanciado do mundo senhorial. Havia, portanto, algo comum à experiência da escravidão nas Américas, que se expressava naquelas festas negras. (SOUZA, 2006, 179).

Contudo, embora esta festa tenha existido em vários lugares onde a presença negra foi marcante, ela foi desaparecendo aos poucos e a cultura e o mito dos escravos se perdendo no tempo.

Foi na América portuguesa que a eleição de reis negros e sua comemoração festiva esteve mais difundida, existindo comprovadamente desde o início do século XVII, ganhando força no século XVIII, mudando de feições no século XIX e ocorrendo ainda hoje em várias localidades brasileiras (SOUZA, 2006, p. 79).

O que de fato marca esta festividade é a forte presença de elementos africanos e portugueses. E o modo como estes elementos se mesclam para produzir uma celebração rica em expressões culturais.

Os Congos ou Congadas são folguedos que comumente aparecem na forma de préstitos (cortejos), onde os participantes, cantando e dançando, em festas religiosas ou profanas, homenageiam, de forma especial, São Benedito. Muitos destes folguedos cumprem também um papel auxiliar no catolicismo popular, ajudando tantos devotos a cumprir suas promessas (SANTOS, 2006, p. 04).

Silva se refere à Congada como uma forma de interação e junção entre as culturas, ele assim a descreve:

Trata-se de um desfile ou procissão que reúne elementos das tradições tribais de Angola e do Congo, com influências ibéricas no que se refere à religiosidade. Esse fenômeno cultural é conhecido como sincretismo religioso: entidades dos cultos africanos eram identificadas aos santos do catolicismo, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Ifigênia (SILVA, 2008, p.12).

Os escravos encontraram na união e formação das irmandades uma forma de preservar sua cultura e identidade. No entanto, esta união entre os escravos era contraditória, pois haviam disputas relacionadas às etnias e em muitos casos, os escravos que podiam se candidatar ao cargo de Rei Congo deveriam pertencer ao grupo dos bantos.

As festas das irmandades e as folias tinham seus dias específicos, quando as respectivas bandeiras ficavam hasteadas e realizavam-se os cortejos públicos. Em alguns casos, havia determinação nos compromissos para que nos cargos de rei ou rainha fossem exclusivos de uma “etnia” ou “nação”, outras vezes a identidade étnica era apenas enunciada, variando ao longo do tempo (LARA, 2002, p.85).

A diversidade étnica aliada às múltiplas origens da congada proporcionou a encenação um grande enriquecimento cultural presente das mais variadas formas. A Congada não é somente rica em repertório coreográfico, mas também em músicas e representações cênicas. Em cada cena, os participantes buscam representar costumes, falas e modos de agir das cortes portuguesa e congoleza. Esta expressividade se dá por meio das características das roupas, músicas, modos de falar, organizar a encenação, a corte, cumprimentar e dançar. A confluência de aspectos religiosos e pagãos presentes na Congada eram formas de expressões culturais escravas, que em parte se perdeu com o tempo:

O que recebe a designação genérica de Congada é realmente uma seqüência e uma cadeia de movimento. O passo e o ritmo são sempre os mesmos, porém o desenho formado pelas deslocções no grupo retrai-se, alonga-se, desmancha-se e, em seguida se refaz a cada minuto. Como um inédito caleidoscópio humano. [...] é preciso considerá-la como uma sedimentação de elementos diferentes, sobre um fundo básico negro. O que nela persiste do que podemos chamar substratum é o passo de dança, primário, que lembra vagamente o samba e o emprego de tan-tam com ritmo simples (SANTOS, 2006, p. 04).

A festa de coroação de Reis negros em Irmandades Religiosas são uma forma de reforçar a cultura africana e de seus descendentes. Desta forma, a celebração funciona como um processo de rememoração dos lugares e mitos de origem daqueles que vieram para o Brasil como escravo, é uma forma de lembrar a terra natal e de criar vínculos com outros indivíduos que partilham da mesma fé.

3.1 A Congada da Lapa

No período da escravidão a Congada era uma celebração presente em grande parte do território brasileiro. “As mais antigas referências a Congada no Paraná abrangem Curitiba, Paranaguá, Castro e a Lapa do século XIX” (FERNANDES, 1977, p. 03).

A Congada chegou à Lapa por volta de 1820, com o movimento dos tropeiros, que deixavam Viamão (RS) rumo a Sorocaba (SP), passando pelos Campos Gerais paranaenses, tendo como um dos principais pontos de paragem a Lapa (FERNANDES, 1977).

Devida a sua localização e sua forma de desenvolvimento a cidade manteve viva várias manifestações populares, dentre elas a Congada, manifestação da fé e devoção a São Benedito.

A representação da Congada de São Benedito na comunidade da Lapa acontece desde a época do Império, sempre no Ciclo de Natal, particularmente no dia 26 de dezembro, incorporada à Festa de São Benedito. A festa se apresenta como um elemento “formador da identidade afro-descendente, fator de resignificação da herança cultural e mítica africana, valorizadas e forjadas nas experiências de cativo e permeada pela devoção a um afro-descendente, São Benedito”. Por esse motivo, a representação da Congada é um fator de identidade de parte da população do local. (SILVA, 2008).

A homenagem a São Benedito é baseada no culto dos tempos da escravidão. Por meio da dança, da música e de coreografia, desenrolam os acontecimentos belicosos entre duas representações: o Rei do Congo, o Santo na Terra, assessorado por uma corte de Fidalgos, e a Embaixada de Ginga, a Rainha de Angola, composta pelo Embaixador e o Exército. O combate culmina com a derrota da embaixada visitante e o perdão ao embaixador pelo Rei do Congo, ficando unidos os reis de Angola e do Congo, sob a égide do “Santo Preto” (CASCUDO, 2001, p. 233).

A encenação teatral da Congada, dividida em doze cenas representa não somente a disputa de poder entre dois reinos, mas a expressão da fé em São Benedito, co-padroeiro da comunidade lapaense.

Todavia, a Congada da Lapa é mais do que apenas o momento de festejo, ela possui uma série de linguagens que se manifestam antes, durante e depois da celebração. A festa acontece em todos os momentos:

nos momentos em que se preparam seus chapéus, seus fitas, seus adornos, sua espada, seus tambores, seus santos e santuários, suas ervas santas para benzer, junto com todas as suas crenças, acrescentando ainda a polissemia deste evento, surgindo de todo este universo social e imaginário (SILVA, 2008, p. 12).

No contexto da preparação do ritual, existe toda uma simbologia que permeia os objetos que fazem parte da encenação, esta simbologia está ligada à cultura da qual descende a Congada, a esta simbologia também são agregados valores comunitários e cotidianos, que fazem parte do tempo presente de cada indivíduo, que vive e sente a festa a seu modo. Portanto, tal simbologia faz parte da experiência de vida de cada indivíduo e como ele preserva suas raízes.

Durand assinala o dinamismo do imaginário, conferindo-lhe uma realidade e uma essência própria. Em princípio, o pensamento lógico não está separado da imagem. A imagem será portadora de um sentido cativo da significação imaginária, um sentido

figurado, constituindo um signo intrinsecamente motivado, ou seja, um símbolo. O simbolismo e cronológica e antologicamente anterior a qualquer significância áudio-visual: a sua estruturação está na raiz de qualquer pensamento. E mais, o imaginário não só se manifestou como atividade que transforma o mundo, como imaginação criadora, mas, sobretudo como transformação eufêmica do mundo. (Durand, 2001 apud SILVA, 2008, p. 32).

Portanto, a simbologia presente no cotidiano dos congadeiros é uma forma de manifestar uma identidade pessoal, rica em tradições e saberes populares. Esta simbologia cultural que se expressa através do indivíduo faz referência ao modo com ele interage com o ambiente a sua volta, como ele resiste às mudanças e avanços sociais. Essa resistência, no entanto, muitas vezes torna-se obsoleta, pois embora o indivíduo tente manter uma tradição ele não o fará sem o auxílio de outros, sem a coletividade a tradição cai no esquecimento (SANTOS, 1994).

Neste conjunto de individualidade e coletividade, a Congada representa a tentativa da coletividade, mantendo a tradição da comemoração em homenagem a São Benedito. Assim, busca-se preservar a simbologia do mito, que representa a multiplicidade cultural da festa. A permanência de certos símbolos, bem como a forma como o auto é encenado demonstram as raízes culturais da Congada e a preocupação em reviver um momento de festejo dos escravos.

Mais do que uma encenação sobre o colonialismo português e a conversão à fé cristã dos reinos do Congo e de Angola, a Congada nos remete a uma África mítica e poderosa. Ao encenar o auto, os afro-descendentes da Lapa reafirmam sua identidade, buscando visibilidade cultural em um estado marcado pela valorização da história das tradições dos imigrantes europeus (MARANHÃO, 2008, p. 01).

Convém ressaltar que a Congada passou por uma série de modificações com o decorrer do tempo, no entanto, ela mantém seus elementos principais. Mesmo hoje, é possível encontrar a Congada apresentada em diferentes partes do país, cada uma com suas especificidades, oriundas da cultura local e do modo como as tradições são transmitidas.

A principal base de transmissão dessa tradição oral é a família. Basicamente o pai ensina o filho, os sobrinhos. O avô auxilia o pai. Entre sobrinhos e filhos juntam-se os agregados – que não são consanguíneos, mas vivenciam o hábito, e passam, então, a fazer parte desta família. É uma noção de família baseada numa linhagem, que significa uma formação educacional de saber manter os laços sociais e as regras de convivência baseado numa matriz, que é muito mais antiga que o pai. O pai é o último representante dessa linhagem, ou melhor, desse conhecimento transmitido oralmente (SANTOS, 2006, p. 04).

Para manter viva uma tradição é preciso passá-la a outras gerações, mantendo-a no cotidiano; “o revivamento da memória é de suma importância devido à construção de uma identidade consistente de um determinado povo”. Para isso é necessário “que não deixe de rememorar, ir à busca das raízes, das origens, do âmago da sua história”. (LE GOFF, 1994, p. 420).

Os indivíduos que participam das festas sempre somam a elas características diferentes, o que as faz se transformar com a agregação de novos elementos, onde as preferências e gostos individuais se sobressaem e despertam novas formas de ver a festa e interpretar seus símbolos e significados. “A sua longevidade e capacidade de adaptação e de incorporação de elementos diversos é indício da importância que assumiu para as comunidades que as realizavam” (SOUZA, 2006, 208).

Neste sentido, quando o indivíduo revive o mito ao encená-lo ele se sente parte daquela história, não somente como ator, ou membros do grupo, mas como sujeito que mantém e recria a tradição para mantê-la presente em seu cotidiano. “Aí são expressas dimensões abrangentes: aspirações, temores, vitórias, conflitos, utopias. O ritual realiza uma síntese religiosa em que o grupo se harmoniza com o ambiente e com a própria história em formas globalizantes de misticismo e erotismo” (RIBEIRO JÚNIOR, 1982, p. 32).

Esta relação entre os conflitos que o sujeito tem em seu cotidiano também se expressam nas tradições, presente em suas músicas, ritmos, versos, dança ou nos momentos de união da comunidade para a realização do rito, os valores e conflitos unem a comunidade, criando uma identidade relacionada não somente a fé, mas a busca por manter aquela tradição que está ligada as memórias e ao passado dos sujeitos que ainda a vivenciam. Neste sentido, “el testimonio de la memoria es el garante de la existencia de un pasado que ha sido e no es más”(CHARTIER, 2007, p. 38). Neste sentido a memória funciona como mecanismo de permanência, de uma tradição que ainda existe, mas que se modifica com o passar do tempo e com a incorporação de novos sujeitos, a tradição que outrora tinha um significado para aqueles sujeitos, já não é mais o mesma.

A encenação da Congada da Lapa é um fator de identidade de parte da população do local. A identidade da congada está diretamente ligada à fé dos negros e escravos, ela retrata uma tradição na qual os organizadores, os congadeiros, mantém viva a memória de um passado repleto de lutas, mitos e lendas. Neste sentido, a diversidade cultural da festa aliada ao lugar, cidade da Lapa, PR, conferem a encenação características únicas que as diferenciam de outras encenações que ocorrem ainda hoje. Assim sendo o lugar desempenha um papel importante na contextualização da tradição, pois cada lugar está atrelado a determinadas características climáticas, geográficas, econômicas, políticas e culturais que fazem parte dos elementos que constroem a identidade das tradições.

4. Considerações finais

Os conceitos apresentados no início deste trabalho devem ser vistos como uma ferramenta para auxiliar na compreensão de uma tradição, neste caso a encenação de coroação de reis negros. Os conceitos de lugar, identidade, diversidade cultural e cultura nos fazer perceber que toda prática ou representação é mutável está sujeita a diversas variáveis e principalmente a interpretação do sujeito. Cada sujeito ao reproduzir uma determinada prática, soma a ela, características pessoais que fazem com que as tradições passem por significativas mudanças relacionadas ao caráter simbólico.

No que diz respeito à congada lapeana, a construção da identidade se dá por meio da identificação com o Santo e com o mito relacionado aos reinos do Congo e da Angola, bem como a tentativa de manter uma tradição que faz parte da história da cidade e da vida dos indivíduos que ali residem.

Neste sentido, quando o indivíduo revive o mito ao encená-lo ele se sente parte daquela história, não somente como ator, ou membros do grupo, mas como sujeito que mantém e recria a tradição para mantê-la presente em seu cotidiano. Nesta tentativa, surgem novos sujeitos e modos de ver e interpretar a encenação, o que lhe confere novos significados culturais.

Assim sendo, a diversidade cultural da festa aliada ao lugar, cidade da Lapa, PR, conferem a encenação características únicas que as diferenciam de outras encenações que ocorrem ainda hoje. Assim sendo o lugar desempenha um papel importante na contextualização da tradição, pois cada lugar está atrelado a determinadas características climáticas, geográficas, econômicas, políticas e culturais que fazem parte dos elementos que constroem a identidade das tradições.

Referências Bibliográficas

ARANTES, Antônio Augusto. *O que é cultura popular*. 11º ed, São Paulo: Editora brasiliense, 1981.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2003.

CANCLINI Nestor Garcia. *As Culturas Populares no Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CANNADINE, David. *Contexto, execução e significado do ritual: a Monarquia Britânica e a “invenção da tradição” – 1820 a 1977*. In HOBBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. revisto, atualizado e ilustrado. Global, 2001.

CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*, vol. 2, São Paulo: Paz e terra, 1999.

CEZAR, Lilian Sagio. *A utilização de conjuntos de imagens fotográficas no jornalismo enquanto uma das formas de representação da Congada nos media*. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/17/04.html?studium=index.html> Acesso em: 15/12/2008

CHARTIER, Roger. *La historia o la lectura del tempo*. Barcelona: Gedisa, 2007

FERNANDES, José Loureiro. *Congadas Paranaenses*. Rio de Janeiro: MEC; Fundação Nacional de Arte – FUNARTE, 1977.

LARA, Sílvia Helena. *Significados cruzados: um reino de congos na Bahia setecentista* In: CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Carnavais e outras festas: ensaios da história social da cultura*. Campinas. Editora da Unicamp, 2002.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994.

MARANHÃO, Maria Fernanda. *Vladimir Kozák e a Congada da Lapa*. 2008. Disponível em: <http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=66>. Acesso em: 15/02/2009.

MELO, Rosa Virgínia. *Cerimônias comemorativas em Corumbá de Goiás*. In MELLO, Maria Thereza F. N. *Entorno que transborda: Patrimônio Imaterial da RIDE*. Brasília: Petrobras, 2006.

RIBEIRO JÚNIOR, José Cláudio Noel. *A festa do Povo: pedagogia e resistência*. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. 14º ed, São Paulo: Brasiliense, 1994

SANTOS, Ubiraci Gonçalves dos. **Manifestação cultural afro-brasileira: Congada**. In: Ubiracipos, 2006. Disponível em: <http://ubiracipos.blogspot.com/2005/12/manifestao-cultural-afro-brasileira.html> Acesso em: 25/02/2009, p. 04.

SILVA, Wagner Aparecida da. *Viva rei, viva rainha, viva também seu capitão. A família do congado em Conselheiro Lafaiete MG*. 2008. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008,

SOUZA, Marina de Mello. *Reis Negros no Brasil Escravista: História da festa de coroação de rei congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.